

Historiografia da Educação Americana: pragmatismo, consenso, revisionismo e novo revisionismo

Kate Rousmaniere*

Resumo:

Este artigo sobre a historiografia da Educação Americana trata dos principais temas e autores da historiografia fundacional americana no início do século XX e, mais detalhadamente, estuda os principais desenvolvimentos acerca da teoria, do método e das áreas temáticas dos últimos trinta anos. O artigo focaliza a historiografia americana acerca da educação elementar e secundária, argumentando que, em geral, os historiadores da educação americanos apresentam uma inclinação pragmática, com ênfase no empirismo e, particularmente, direcionam o trabalho histórico para os problemas educacionais contemporâneos. O artigo é concluído com os recentes desenvolvimentos teóricos, metodológicos e temáticos do campo.

Palavras-chave:

historiografia; história da escola elementar e secundária dos EUA; metodologia da história; política educacional; History of Education Quarterly.

* Professor – Social Foundations of Education. Department of Educational Leadership. Miami University. Oxford, Ohio – USA

Historiography of American education: pragmatism, consensus, revisionism and new revisionism

Kate Rousmaniere

Abstract:

This essay on the historiography of American education deals with the major themes and authors of foundational American historiography in the early twentieth century, and then more closely studies major developments in theory, method, and subject areas of the last thirty years. The essay centers on the historiography of American elementary and secondary education, and argues that in general, American historians of education have a pragmatic inclination, with an emphasis on empiricism, and are particularly conscious of directing their historical work towards contemporary educational problems. The essay concludes with recent theoretical, topical, and methodological developments in the field.

Keywords:

historiography of education; History of elementary and secondary school in the U.S.A.; methodology of history; education policy; History of Education Quarterly.

Historiografía de la educación Americana: pragmatismo, consenso, revisionismo y nuevo revisionismo

Kate Rousmaniere

Resumen:

El siguiente artículo sobre historiografía de la Educación Americana trata de los principales temas y autores de la historiografía fundacional Americana en el inicio del siglo XX y, más detalladamente, estudia los principales desarrollos sobre la teoría, el método y las áreas temáticas de los últimos treinta años. El artículo hace énfasis a la historiografía Americana acerca de la educación elemental y secundaria, argumentando que, en general, los historiadores de la educación Americanos presentan una inclinación pragmática con énfasis en el empirismo y, particularmente, direccionan el trabajo histórico para los problemas educativos contemporáneos. El artículo es concluido con los recientes desarrollos teóricos, metodológicos y temáticos del campo.

Palabras clave:

historiografía; historia de la escuela elemental y secundaria de los EUA; metodología de la historia; política educativa; History of Education Quarterly.

Introdução

Apesar de a história da educação se constituir em um tema de interesse para historiadores americanos desde o período colonial, o campo profissional é relativamente novo, tendo evoluído pela junção de interesses de educadores e historiadores americanos no início do século XX (GAITHER, 2003; URBAN, 2010a, 2010b). O principal periódico americano, *The History of Education Quarterly* e sua respectiva associação, History of Education Society, foi fundado somente em 1960. Com aproximadamente 500 membros, a sociedade organiza uma reunião anual e uma revista seletiva, composta por artigos de professores e alunos de pós-graduação na área. Ainda que outras organizações educacionais americanas possuam seções de História da Educação, a History of Education Society é o maior, mais autônomo e bem sucedido corpo profissional de história da educação nos Estados Unidos. Dessa maneira, este ensaio aborda os mais significativos temas de pesquisa e tendências apresentadas no Quarterly, o qual, acredito, melhor representam o estado do trabalho atual de história da educação nos Estados Unidos.

Este ensaio começa com alguns comentários introdutórios acerca do campo, revisa a maioria dos temas e autores mais expoentes da historiografia americana fundacional e, mais detalhadamente, estuda o desenvolvimento teórico, metodológico e das áreas temáticas dos últimos trinta anos. Outro ponto adicional é que este ensaio se concentra no que os americanos chamam de educação K-12 ou educação elementar, isto é, do Jardim de Infância até os níveis secundários e médios de escolarização. Enquanto a história da educação superior se constitui em um subtema vibrante nos Estados Unidos, a sua historiografia é, de algum modo, separada da que considera a educação K-12. Em parte, isso se dá pelo fato de a educação K-12 ser legalmente promovida pelo Estado com exigência formal de matrícula para todas as crianças, enquanto a educação superior, apesar de ser parcialmente sustentada pelo Estado, não ser obrigatória para os cidadãos. A educação superior também é ofertada de modo diversificado por instituições vocacionais, profissionais, alternativas, particulares, locais e regionais.

Guardadas essas diferenças, a historiografia da educação superior é bastante singular e independente¹.

Educadores americanos e historiografia da educação

Em geral, historiadores da educação americanos possuem uma inclinação pragmática, com ênfase no empirismo, particularmente sensíveis em abordar problemas educacionais contemporâneos nos seus trabalhos históricos. Existem duas razões principais para explicar essas características. Primeiro, os historiadores da educação americanos tendem a trabalhar, nas escolas, um legado dos fundadores do campo, estudiosos da educação que buscavam fornecer o contexto social fundador para a formação de professores e pesquisa educacional. De fato, um lugar original para a história da educação se processou no campo mais amplo das chamadas ‘Social Foundations of Education’, que englobavam estudos educacionais de outras disciplinas das ciências sociais, incluindo filosofia, sociologia, antropologia e história. Ao trabalhar com outros profissionais da educação cujas atenções, programa curricular e missões profissionais se voltavam para os desafios atuais das escolas, historiadores da educação se viam constantemente alertados para os eventos contemporâneos em suas pesquisas.

Uma segunda e talvez mais poderosa razão para a abordagem pragmática na história da educação americana reflete a longa história de fé dos americanos na educação como significativo agente de mudança social. David Tyack e Larry Cuban argumentam que os americanos têm historicamente concebido prescrições educacionais específicas para amplos problemas sociais e econômicos, desde a criação de um sistema puritano de escolarização pública na colônia para que jovens americanos lessem a Bíblia e mantivessem uma sociedade cristã até o alerta do presidente Ronald Reagan de que nós éramos ‘A Nation at Risk’, e o recente apelo do presidente Obama, destacando o papel da reforma educacional na ajuda às crianças e à nação americanas para competirem com sucesso na ‘Race to the Top’. Tyack e Cuban descrevem a histórica fé americana na educação para moldar a sociedade como um ‘movimento em direção a utopia’, referindo-se à crença nacional de que, adicionando ou subtraindo certos elementos à educação, poder-se-ia

¹ Para a história da educação superior americana, ver Wechsler, Goodchild e Eisenmann (2008) e Thelin (2011).

resolver problemas sociais mais amplos. Assim, mesmo que os americanos tenham constituído um dos sistemas educacionais mais abrangentes do mundo, Tyack e Cuban argumentam que a história da reforma escolar americana é, em última instância, uma das inovações fragmentadas que, após um século, deixaram a escola notavelmente inalterada, o que ainda deixa os americanos lutando com velhos debates, como o que enfatiza a igualdade sobre a excelência, a inclusão versus especialização e os problemas raciais e de divisão de classes; problemas persistentes nas escolas e sociedade americanas (TYACK; CUBAN, 1955).

O interesse americano em aplicar uma perspectiva histórica aos problemas educacionais contemporâneos significa que os historiadores da educação geralmente veem seu trabalho como uma peça do quebra-cabeça da reforma escolar. Uma reflexão recente do campo, por exemplo, sugere que historiadores da educação se referem a si mesmos como ‘pesquisadores educacionais, que usam o conhecimento histórico para entender problemas da educação (LAGEMANN, 2005; RURY, 2006; WONG; ROTHMAN, 2009). Com tal objetivo, historiadores americanos da educação frequentemente confeccionam seus trabalhos para uma audiência ampla de estudiosos, analistas políticos, legisladores, estudantes e o público mais geral, abordando, algumas vezes, problemas explicitamente contemporâneos e, outras, oferecendo um pano de fundo histórico com lições implícitas para o presente. Em tais trabalhos, historiadores consideram dados empíricos e aplicam métodos mistos de análise qualitativa e quantitativa, formulários de matrícula, dados econômicos e demográficos para interpretar a ideologia educacional. O extenso trabalho sobre a história da política da escola americana contemporânea de David Labaree é um exemplo desse tipo de estudo (LABAREE, 2007).

Assim, nos Estados Unidos, o campo da história da educação sempre se manteve dividido entre o passado e o presente e, para muitos historiadores da educação, a pergunta central da sua pesquisa é, simultaneamente, histórica e contemporânea, esclarecendo caminhos passados, ao mesmo tempo em que se procura iluminar possíveis passos em direção ao futuro. De acordo com Ron Butchart, que escreve sobre a história da luta dos afro-americanos para obter instrução, a “[...] história deve abordar o passado para sugerir estratégias políticas, sociais e

econômicas para o presente e futuro. Tal como a escolarização, a história é inevitavelmente política” (BUTCHART, 1988, p. 333).

Um ponto adicional sobre o caráter da história educacional americana é o que Wayne Urban designa como “[...] insularidade acadêmica [...]” (URBAN, 2010b, p. 454). Tanto o *Quarterly* como a *Society* acolhem estudos e adesões internacionais, mas eles compõem uma distinta minoria em ambos. Historiadores americanos da educação que estudam temas internacionais estão aptos a participar da *International Standing Conference for the History of Education* (ISCHE) ou dos congressos de Educação Comparada. Nos congressos da American History of Education Society, estudos internacionais tendem a ser marginalizados nas próprias sessões, indicando que historiadores americanos da educação ainda não estão acostumados a pensar transnacionalmente ou comparativamente, característica que reflete atributos mais amplos da cultura americana.

Início da historiografia educacional americana: consenso e revisionismo histórico

O campo profissional da história da educação americana foi fundado no início do século XX, quando Paul Monroe e Ellwood P. Cubberly escreveram as primeiras histórias gerais da instrução americana e promoveram o campo como um assunto necessário para educadores (CUBBERLY, 1919; MONROE, 1940)². Em geral, as suas perspectivas acerca da educação na América eram de um continuum progressivo em direção ao aperfeiçoamento. Eles argumentam que o sistema educacional americano havia sido organizado, de modo a promover democracia e igualdade de maneira efetiva e que, por meio do estudo da história educacional americana, os professores poderiam compreender melhor como as escolas eram “[...] uma grande instituição nacional, desenvolvida pela democracia, para ajudar a resolver muitos dos seus problemas desconcertantes” (CUBBERLY, 1919, p. 42). Para narrar essa história de progresso e democracia, esses historiadores se apoiaram em documentos de políticas públicas que relatavam o desenvolvimento político e institucional do sistema de ensino público americano do período colonial até o século XIX. Dada esta perspectiva e os tipos de fontes usadas, não é surpresa que tais historiadores raramente

² Ver também: Rousmaniere (2003).

tenham questionado a respeito dos desfavorecidos, excluídos ou dos que ficaram de fora do desenvolvimento do sistema educacional estatal. Até mesmo Thomas Woody (1929), na sua obra de referência no início do século XX sobre a história da educação da mulher americana, descreveu essa questão com um extremo otimismo, relatando que de poucas as mulheres passaram a ter muitas oportunidades e que a igualdade havia sido alcançada naquele momento.

A ênfase dos primeiros historiadores no progresso inexorável da educação os levou a serem chamados, nos anos posteriores, de ‘historiadores do consenso’, refletindo a crença de que o sistema educacional americano se desenvolveu como se o país inteiro estivesse em consenso sobre quem deveria ter o direito de ir à escola, o que deveriam aprender, como deveriam ser ensinados e como as escolas deveriam ser organizadas e fundadas. Essas narrativas tenderam a ser provinciais e isoladas das principais correntes de pesquisa histórica, apoiadas, principalmente, nos testemunhos de líderes escolares brancos do sexo masculino. De forma significativa, ao enfatizarem o desenvolvimento intelectual de ideias, os ‘historiadores do consenso’ acreditavam que a prática educacional resultava de escolhas filosóficas, ao invés das dinâmicas políticas e sociais.

A próxima grande virada na historiografia educacional americana alterou o alcance e método da história, mas mantiveram o otimismo dos ‘historiadores do consenso’ a respeito da educação americana. Bernard Bailyn e Lawrence Cremin foram os primeiros a escreverem, nas décadas de 1950 e 1960, que a questão crítica para os historiadores da educação era o que deveria ser considerado como educação. Bailyn apelava para uma completa redefinição da educação, passando de um foco estreito sobre escolas, políticas e instituições para incluir “[...] o processo completo pelo qual uma cultura se transmite através das gerações” (BAILYN, 1960, p. 14). Do mesmo modo, para Cremin, como um fenômeno histórico (e contemporâneo), a educação acontecia apenas parcialmente nas escolas, pois também se processava em agências sociais e culturais. Cremin definiu a educação como um “[...] esforço deliberado, sistemático e sustentado de transmitir, evocar ou adquirir conhecimento, atitudes, valores, habilidades ou sensibilidades, bem como qualquer resultado desde esforço” (CREMIN, 1977, p. viii). Ambos argumentam que a tarefa dos historiadores consiste em analisar o impacto da educação na sociedade e de relacionar as ideias educacionais

e o comportamento social. Esses novos historiadores examinaram uma ampla variedade de instituições que desempenharam funções educativas, incluindo bibliotecas, organizações comunitárias e de caridade, instituições de formação profissional, jornais e a indústria cinematográfica, expandindo os tipos de fontes usados, recorrendo à biografia, material de censo, palestras e sermões, papéis pessoais e profissionais e história oral. Essa amplitude de temas e diversidade de fontes abriu novas áreas para a pesquisa em história da educação, tais como: o crescimento da educação profissional e superior, o desenvolvimento dos meios de comunicação públicos e o papel da cultura popular na criação e modelagem das ideologias nacionais³.

Por mais inovadora que tenha sido essa nova história cultural e social, as questões ainda permaneceram basicamente acríticas. De acordo com esses argumentos históricos, a educação, tanto nas escolas quanto em uma arena mais ampla, tinha progredido constantemente ao longo do tempo para informar um crescente número de pessoas de maneira positiva. O ‘consenso’ ainda era a perspectiva guia e as vozes e experiências de certos grupos ainda estavam ausentes da narrativa.

Perspectivas mais radicais a respeito da história da educação americana emergiram na década de 1960, inspiradas em grande parte pelo radicalismo social e político da época, e pela tendência esquerdista para examinar as bases ou a história social e do trabalho ‘de baixo para cima’ (CAYTON; GORN; WILLIAMS, 1993; ZINN, 1980). Aqueles que ficaram conhecidos como ‘historiadores revisionistas’ viram a contradição entre as narrativas otimistas dos ‘historiadores do consenso’ e os relatos contemporâneos que narravam a pobreza, o racismo e a violência nas escolas modernas, o que é encontrado mais notavelmente na exposição de Jonathan Kozol de 1967, *Death at an Early Age*, sobre o racismo e a opressão nas escolas de Boston. Dados tais traumas na educação contemporânea, os historiadores começaram a questionar o argumento consensual do progresso contínuo (KOZOL, 1967).

Michael Katz liderou a escola revisionista com sua interpretação neomarxista dos movimentos de reforma escolar no início da história da América. Ao voltar sua atenção para o financiamento específico da escola e questões de autoridade nos séculos dezoito e dezenove em Massachusetts, Katz argumenta que, ao invés de serem empreendimentos

³ Um exemplo desse trabalho é o de Rush Welter (1962).

democráticos, humanitários e racionais, as primeiras escolas eram “[...] do capitalismo corporativo – o produto de interesses das elites de classe média buscando conservar suas vantagens e estendê-las para suas crianças” (KATZ, 1968, p. 218). Nessa linha, o desenvolvimento da instrução pública americana consistiu em uma história de opressão sistêmica e ganância, exclusão, marginalização institucional e o uso do poder de uma classe sobre outra. O estudo de Samuel Bowles e Herbert Gintis (1976), *Schooling in Capitalist America*, promoveu esta perspectiva ao argumentar que o desenvolvimento da instrução pública, em todos os períodos de tempo, seguiu de perto e refletiu a expansão da economia do capitalismo industrial (BOWLES; GINTIS, 1976). Escolas eram estabelecidas pela classe dominante para reproduzir a desigualdade social e para atuar como primeiro agente de controle social.

O argumento revisionista implicou um poderoso impulso na história da educação, em parte porque abriu o campo para questionamentos sobre relações de poder, economia e luta social e política. O trabalho historiográfico influenciado pela perspectiva revisionista também explorou a natureza dos que exerciam o poder no desenvolvimento da educação americana, argumentando frequentemente que, apesar de dominante na respectiva competência, aqueles que projetaram e gerenciaram os novos sistemas de ensino também se encontravam divididos, em virtude das suas diferenças ideológicas.

A obra influente e ainda popular de David Tyack, *The One Best System*, primeiramente publicado em 1974, examinou o desenvolvimento específico da burocracia das escolas urbanas do século XIX ao início do XX, sugerindo que mudanças organizacionais e profissionais desempenharam um papel no desenvolvimento educacional tanto quanto os interesses de classe (TYACK, 1974). Herbart Kliebard voltou sua análise para o currículo e argumentou que a evolução moderna do currículo americano resultou de uma luta de interesses entre grupos que mantinham posições intelectuais e ideológicas distintas a respeito da aprendizagem (KLIEBARD, 1986). James Anderson explorou as profundidades do controle no seu estudo sobre educação afro-americana no sul depois da Guerra Civil, descobrindo que os nortistas e sulistas usaram a educação de afro-americanos libertos como uma estratégia para estabilidade social e econômica e para a reconstrução do sul americano. As diferentes visões sobre a forma e extensão da educação dos afro-americanos refletiram não somente níveis

diferenciados de racismo, mas também concepções conflitantes sobre educação e política econômica (ANDERSON, 1988).

Posteriormente, outros historiadores usaram o argumento revisionista no exterior das escolas para explorar a relação entre instrução e trabalho, família, gênero, classe e relações de classe, imigração e aculturação, o desenvolvimento do trabalho organizado, a história da infância e outros tópicos da história social. O foco aqui era a educação como uma das muitas forças sociais, estruturas institucionais e padrões ideológicos que deram forma à sociedade americana. Muitas vezes, esta modelagem foi enérgica nas estruturas escolares e nos currículos, configurados para que os nativos americanos e as crianças imigrantes assimilassem os valores anglo-americanos. De um modo mais sutil, a educação também contribuiu para a formatação, ao criar e reforçar normas sociais que se encontravam intrinsecamente presentes nas agendas políticas e econômicas dos diferentes grupos dominantes.

Desenvolvimentos recentes na Teoria e no Método

De algum modo, o tópico da teoria permanece controverso para os historiadores americanos da educação. Parte do desafio reside no estilo, já que os historiadores americanos, em geral, ainda mantêm a tradicional dependência entre a análise narrativa e as evidências empíricas, atribuindo as influências teóricas ao debate bibliográfico. Quando enfatizadas, as abordagens teóricas tendem a se alinhar a um tópico particular ou área disciplinar, como a teoria feminista, do trabalho, da política ou a teoria literária. Em sua maioria, os historiadores americanos da educação têm contornado a ‘crise de representação’ que tem desafiado o regime probatório e afirmações empíricas tradicionais, apoiando-se na perspectiva de verdade de outras disciplinas (WEILER, 2006). Alguns historiadores têm criticado essa reticência e têm procurado impulsionar o campo para assumir engajamentos teóricos mais explícitos⁴. Outros argumentam que muitos historiadores da educação têm aceitado, de fato, os desafios das inovações metodológicas e epistemológicas suscitados pela virada teórica pós-moderna⁵. Esse

⁴ Ver, especialmente: Tamura (2011a), Tamura, Eick e Coloma (2011b) e Weiler (2006).

⁵ Ver: Cohen (1999), Grosvenor, Lawn e Rousmaniere (1999), Perrillo (2004), Popkewitz, Franklin e Pereyra (2001), e Rousmaniere, Dehli e Coninck-Smith (1997b), Sobe (2012).

desacordo pode ter menos relação com o atual uso da teoria e mais com o estilo e modo de apresentação. Na sua preocupação pragmática de relacionar a história com questões contemporâneas, a maioria dos historiadores norte-americanos da educação tem priorizado a clareza narrativa e o uso de uma linguagem acessível para uma audiência educacional ampla. Além disso, a abordagem relativa à evidência histórica permanece analítica, não filosófica, mesmo quando recorrem à teoria para ajudar na interpretação (BUTCHART, 2011).

Com efeito, o desenvolvimento teórico tem provocado as maiores mudanças no campo nos últimos trinta anos. Desde a década de 1980, a historiografia educacional americana se expandiu para o que é comumente chamado de estágio de ‘novo revisionismo’, animado pela adoção de novas teorias, métodos e tópicos de estudo. Os historiadores revisionistas originais se inspiraram na teoria marxista para apresentar a instrução como uma força tão opressiva, que impedia perceber a voz ou ação da parte dos seus sujeitos. Os historiadores neorrevisionistas começaram a fazer interrogações mais sutis sobre o funcionamento do poder, postulando uma relação mais complexa entre os poderosos e os oprimidos. Frequentemente inspirados por teóricos como Antonio Gramsci e Michel Foucault, esses historiadores argumentam que a desigualdade educacional nunca foi tão sistematicamente planejada como os primeiros historiadores revisionistas podem ter pensado, nem tão eficaz quanto educadores teriam desejado: estudos recentes têm demonstrado a existência de resistência, adaptação e acomodação às estruturas opressivas das escolas.

A preocupação pós-moderna com as relações entre conhecimento e poder tem ajudado a desafiar as metanarrativas dos ‘historiadores do consenso’ acerca do progresso científico/racionalista da educação. A abordagem da história de vida, por exemplo, critica a noção de uma biografia objetiva e singular, com o propósito de problematizar a categoria acadêmica de ‘vida’, que não se relaciona com as pessoas reais e, com isso, revelar relações de poder mais amplas que modelaram experiências educacionais. Para mulheres, professores, crianças, pessoas de cor e outros marginalizados, a história de vida, mais do que simplesmente permitir que os sem voz contem suas histórias, também os encoraja a contá-la do próprio jeito, usando as próprias categorias e discursos. Como Richard Quantz argumentou inicialmente ao promover

tal método interpretativo de pesquisa histórica, esse tipo de abordagem pode promover

[...] um mecanismo para a reconstrução de culturas múltiplas, contraditórias e conflitantes do passado de modo a revelar novas histórias de luta e complacência, de resistência e aceitação, de dominação e inconsciência que caracterizou a vida dos professores, alunos e outros participantes da escola no nosso passado (QUANTZ, 1992, p. 190).

O estudo de Kathleen Weiler sobre mulheres educadoras no final do século XIX e início do XX na Califórnia rural, por exemplo, focou os “[...] modos como as pessoas construíram significado através das imagens e suposições acerca da sua cultura” (WEILER, 1998, p. 6). Weiler estudou como professoras negociaram as categorias discursivas de cultura e ideologia que eram incorporadas à identidade de ‘professora’, enquanto simultaneamente desenvolviam as próprias respostas, independentes de um sistema educacional estadual em desenvolvimento que marginalizava as mulheres.

O trabalho do teórico do currículo Tom Popkewitz é um exemplo da complexidade teórica que alguns têm introduzido no campo da história da educação, embora o foco profissional de Popkewitz permaneça mais centrado no campo do currículo do que no da história. Seus estudos se preocupam com sistemas racionais que governam a política educacional e pesquisas relacionadas à pedagogia e à formação dos professores. Seu trabalho é notavelmente trans-histórico, passando da história do progressivismo do século XIX para a ‘história do presente’. No trabalho comparado em que examina historicamente reformas educacionais em contexto global, Popkewitz também pode ser considerado um exemplo do internacionalismo em expansão de alguns historiadores da educação. Na sua publicação de 2007, *Cosmopolitanism and the Age of School Reform*, Popkewitz examina o sistema racional que governou a reforma educacional progressiva americana, analisando os trabalhos de Edward L. Thorndike, G. Stanley Hall e John Dewey, bem como as reformas escolares contemporâneas. Popkewitz argumenta que o ímpeto da reforma educacional americana ao longo do tempo foi centrado em torno de dois impulsos contraditórios: ‘esperança’ na liberdade idealizada à criança cosmopolita como futuro cidadão e

‘medo’ dos perigos da inclusão daqueles que não estavam qualificados para a participação. O ideal do cosmopolitismo serve como forma de diferenciar e classificar quem pode ser incluído e excluído desse duplo ideal (POPKIEWITZ, 2007; SOBE, 2009; TROEHLER; POPKEWITZ; LABAREE, 2011). Essa dicotomia ecoa os temas americanos mais amplos, introduzidos anteriormente neste ensaio, sobre os aspectos simultaneamente expansivo e excludente da educação americana.

Outros historiadores olharam de maneira crítica para o progressivismo educacional tão notavelmente representado pelos defensores do progresso social do final do século XIX e início do XX, simbolizado e resumido no trabalho de John Dewey. Em 1974, David Tyack introduziu o que se tornou um ‘tropo’ histórico popular dos progressistas ‘administrativos’ e ‘pedagógicos’, que bifurcava o progressivismo educacional americano em dois grupos: os adeptos do ‘progresso pedagógico’ promoviam uma abordagem educacional humanista e centrada na criança, e os adeptos do ‘progresso administrativo’ advogavam o desenvolvimento dos sistemas escolares dirigidos por valores de economia fiscal e organização responsável. Alguns historiadores examinaram mais de perto os ‘progressistas pedagógicos’ para observar como a linguagem do progressivismo era frequentemente articulada com racismo e sexismo, destacando, portanto, as ironias das desigualdades resultantes das reformas concebidas para atingir a igualdade (LAGEMANN, 1996; PERLSTEIN, 1996; TYACK, 1974). Outros abordaram os ‘progressistas administrativos’ e descobriram que, apesar da estrutura opressiva de certas políticas, elas também permitiram mais momentos de negociação e resistência do que se pensava inicialmente. O estudo dos ‘progressistas administrativos’ também inclui o estudo dos líderes, introduzindo biografias de líderes escolares progressistas, muitos dos quais eram mulheres e pessoas de cor que desafiavam normas e estruturas administrativas vigentes (JOHANEK.; PUCKETT, 2007; JOHNSON, 2007; RANDOLF, 2004; TAMURA, 1996).

Igualmente percebido em pesquisa recente é o argumento apresentado por um certo número de historiadores da educação afro-americanos: o de que escolas segregadas racialmente ofereceram a alunos afro-americanos uma educação melhor do que a oferecida no quadro das políticas de dessegregação elaboradas pela Suprema Corte

em 1954 no caso *Brown v. Board of Education*⁶. Baseando-se na noção crítica da teoria racial da ‘convergência de interesse’, tais estudos históricos examinam como as políticas de dessegregação racial foram concebidas para inerentemente beneficiar os brancos e dar continuidade, embora em uma nova dinâmica, à marginalização dos negros (LADSON-BILLINGS, 2004). Liderando esta área de pesquisa, encontra-se o estudo histórico de Vanessa Siddle Walker sobre uma escola segregada para negros e sua comunidade por um período de trinta anos, o qual não somente revisou a percepção comum de que todas as escolas segregadas para negros eram ruins, mas também sugeriu que programas de integração racial nem sempre funcionaram bem para crianças negras (WALKER, 1996). Historiadores subsequentes apresentaram argumentos similares, ao mesmo tempo em que muitas comunidades afro-americanas e pais ativistas demandavam pelo programa de contratos e vouchers escolares oficiais que lhes permitiriam criar escolas separadas para as próprias comunidades (SPAN, 2002).

Do mesmo modo, a teoria queer também tem ajudado a esclarecer o papel do gênero e da sexualidade na história da educação, revelando como escolas americanas se desenvolveram como lugares polarizados em termos de gênero, no qual o duplo para a feminização do magistério era a exigência da conformidade de gênero e da sexualidade. De fato, o tratamento dispensado aos professores gays e lésbicas se constitui em uma chave para a educação progressista, argumenta Karen Graves (2009 p. xvii), porque “[...] controlar professores é controlar a ideologia dominante”.⁷ Historiadores da educação se apoiaram em teorias culturais homossexuais, feministas e pós-modernas para analisar as formas pelas quais políticas educacionais complementaram regulamentações morais e normativas dos professores, alunos e outros educadores. Central em todos esses estudos é o posicionamento de gênero e sexualidades minoritárias frente ao poder e à cidadania igualitários (ABOWITZ; ROUSMANIERE, 2007)⁸.

A adoção de novas perspectivas teóricas inevitavelmente inclui o uso de novos métodos históricos, incluindo história oral, o estudo da cultura material escolar, a leitura das representações da cultura popular a

⁶ Ver: A special issue on the fiftieth anniversary of the "Brown v. Board of Education" decision (ANDERSON, 2004).

⁷ Ver também: Blout (2006) e Graves (2012).

⁸ Reimpresso em Abowitz e Rousmaniere (2012).

respeito da educação e a leitura crítica de fotografias, projetos arquitetônicos e textos escolares. Historiadores têm minerado essas novas fontes para descobrir vidas individuais, experiências e relacionamentos nas escolas, assim como para investigar evidência de resistência às poderosas estruturas de escolarização. Com tal evidência, historiadores desenvolveram novas teorias sobre relações dentro das escolas, com base na teoria sociológica de resistência, nos estudos sobre a cultura do trabalho e nas teorias psicológicas. Ao dar atenção às vozes e vidas das crianças, dos professores, pais e membros da comunidade, historiadores descobriram uma dialética contínua entre oportunidade e constrangimento, verificada em quase todas as instituições educacionais e para todos os sujeitos. Por mais opressiva e marginalizante que tenha sido, a instrução formal também ofereceu às pessoas acesso à melhoria social e, mesmo os mais desprovidos de poder, tentaram negociar seu caminho nesse sistema, de modo a criar sentido para seu trabalho nas escolas e usar essa experiência para conquistar poder.

O uso expandido da história oral desde 1990 é um bom exemplo de como métodos de pesquisa inovadores têm apresentado interseção com novas perspectivas teóricas. A história oral permite que historiadores acessem narrativas históricas ausentes dos arquivos formais, das publicações profissionais e histórias institucionais (DOUGHERTY, 1999). A voz de pessoas comuns, falando sobre seu trabalho cotidiano nas salas de aula, corredores e comunidades, muda tanto o conteúdo quanto a interpretação da história educacional, revelando “[...] conflito onde outros historiadores previamente declaravam consenso [...]” e introduzindo “[...] uma rica complexidade e [...] uma narrativa arenosa” (ALTENBAUGH, 1997, p. 313). O desafio de ‘transformar memória individual em memória social’ necessariamente envolve conceituações teóricas sofisticadas. Caroline Eick, por exemplo, baseia-se na teoria feminista da intersectorialidade no seu trabalho de história oral de uma comunidade escolar, de modo a examinar “[...] as formas pelas quais os marcadores sociais de diferença (raça, gênero, etnia, sexualidade, geração, classe, religião e nacionalidade) se articulam para dar forma a experiências situadas” (EICK, 2011, p. 161)⁹.

Alguns historiadores da educação também se baseiam em métodos de interpretação de imagens, dos estudos culturais, temas culturais e das teorias de produção e recepção textual. Um tópico popular tem sido a

⁹ Ver também: Lutrell (1993).

representação de professores, administradores escolares e estudantes em romances e filmes. Historiadores também têm interrogado imagens fotográficas da escolarização e artefatos escolares do passado, o simbolismo do estilo arquitetônico dos prédios escolares, o projeto e a produção do livro didático e demais elementos e outras mídias escolares, tanto como fontes documentais da escolarização, como indicadores representativos das normas culturais (COHEN; SCHEER, 1997; CUTLER, 1989; JOSEPH; BURNAFORD, 1994; PERLSTEIN, 2000; RYAN; TERZIAN, 2009; RYAN; TOWNSEND, 2010). As teorias pós-modernas e a tecnologia avançada têm favorecido a mistura de meios. O texto de Alan Wieder, *Race in Education*, consiste em uma coleção de ensaios históricos sobre raça e educação, histórias orais e um ensaio fotográfico reflexivo sobre raça na Carolina do Sul contemporânea (WEIDER, 1997). Mais recentemente, Eric Margolis descreveu seu trabalho como etnograficamente visual, na sua análise de fotografias educacionais históricas por meio das quais identifica traços visuais de práticas diárias, performances e ideologias nas escolas (CHAPPELL, D.; CHAPPELL, S.; MARGOLIS, 2011; MARGOLIS, 2000).

Tópicos recentes na história da educação

Nos últimos trinta anos, historiadores da educação americana se moveram mais em direção à história social e cultural, ainda inspirados pelo chamado revisionista, no sentido de compreender as dinâmicas do poder em jogo na educação. O trabalho foi expandido tanto em termos de método quanto de alcance, abordando tópicos que, nos anos iniciais, eram considerados inacessíveis, devido à ausência de fontes ou quadros teóricos com os quais se podiam interpretar as evidências. Mesmo a contínua atenção à história da política educacional tem adotado novas abordagens de pesquisa que há uma geração teriam sido consideradas muito tênues e nas quais não se confiava, incluindo-se aí a história oral, análise visual e análise do discurso.

O florescimento e crescimento de estudos de professores e alunos consiste em um bom exemplo dos frutos colhidos a partir das novas teorias e métodos. As histórias dos trabalhadores escolares e estudantes são amplamente invisíveis nos documentos de políticas públicas e, então, estiveram grandemente ausentes no trabalho dos ‘historiadores do consenso’ e no dos ‘revisionistas’ apoiados em tais fontes. Desde a década de 1980, com o desenvolvimento da história oral, com métodos

de análise documental e teorias de relações de poder mais complexas, a esfera de atenção sobre a instrução se expandiu da sala de aula para toda a escola, comunidade e esferas políticas e sociais mais abrangentes. A influência, o papel e a experiência de professores, administradores escolares, pais, ativistas comunitários, sindicatos de trabalhadores e dos burocratas escolares no nível local têm se tornado um tópico de crescente interesse para historiadores da educação americanos (FAIRCLOUGH, 2007; PERILLO, 2012; ROUSMANIERE, 1997a; ROUSMANIERE, 2013; WOYSHNER, 2009).

Uma segunda área de notável crescimento na história social da educação nos últimos trinta anos tem sido a da relação entre história racial e educação. Originalmente, a história educacional afro-americana centrou-se na dessegregação da escola: as práticas legais e políticas que acabaram com a separação educacional legalizada para estudantes negros e brancos depois da década de 1950. Mais recentemente, historiadores têm expandido discussões sobre a raça para incluir esforços de cidadãos e voluntários, o impacto da dessegregação nos educadores e nas entidades da sociedade civil e o contexto mais amplo do movimento americano de direitos civis (BAKER, 2006; CALLEJO-PEREZ, 2001; CECELSKI, 1994; HALE, 2012; MORRIS, V.; MORRIS, C. 2002; WALKER, 2005; WOYSHMER, 2009).

Um tema dominante em tal trabalho é a ação e autonomia das pessoas afro-americanas diante da opressão, derrubando suposições prévias de passividade e silêncio, particularmente nos anos anteriores à emancipação. Estudos históricos recentes dos esforços afro-americanos para educação têm enfatizado a ação e visão dos educadores afro-americanos, alunos e membros da comunidade, na busca por educação de qualidade e sua vinculação da educação com a conquista de direitos civis e independência econômica. Baseando-se em pesquisa meticulosa nos tribunais e setores censitários locais, o livro de Heather Williams (2005), *Self-Taught: African American Education in Slavery and Freedom*, focaliza a iniciativa dos negros em fundar, administrar e manter escolas, apesar da indiferença e hostilidade dos brancos antes, durante e depois da abolição da escravidão, ocorrida em meados do século XIX na América. Similarmente, o estudo de Ron Butchart a respeito da educação de escravos libertos no pós-Guerra Civil do Sul se baseia em dados extensivos de professores negros que lecionaram no Sul após a Guerra Civil, derrubando suposições prévias de que foram os

nortistas brancos que ‘salvaram’ os negros ao lhes oferecer educação (BUTCHART, 2010). O estudo de Christopher Span sobre a educação afro-americana no Mississippi depois da Guerra Civil questiona se as escolas para os recém-libertos afro-americanos procuraram oferecer uma educação para a cidadania ou capacitação profissional voltada para a segurança econômica. Span argumenta que afro-americanos criaram as próprias escolas, especificamente para conquistar cidadania plena na forma de independência econômica, igualdade política e direitos civis (SPAN, 2009).

Historiadores também se movimentaram, além da concepção americana tradicional de raça como uma dinâmica de negros-brancos, para explorar experiências educacionais e políticas educacionais dirigidas para outras populações minoritárias de não caucasianos, particularmente hispano-americanos e asiático-americanos (TAMURA, 2001; PEREZ, 2009). O trabalho sobre hispano-americanos é particularmente frutífero, estendendo o alcance do estudo da marginalização educacional para o exame de grupos de estudantes, padrões residenciais e relações com educadores (GARCIA; YOSSO, 2013; STRAUS, 2009). A história da educação indígena nos Estados Unidos, embora ainda esteja centrada na experiência de internato no século XIX, em que anglo-americanos desenvolveram as famosas práticas educativas para os nativos em extinção, recentemente olhou para interações mais sutis entre os nativos e anglos, como, por exemplo, a experiência de professores nativos trabalhando em internatos e amostras de resistência e interação cultural em instituições que oprimiam de outra maneira (ADAMS, 1997; GERE, 2005; MARGOLIS, 2004; YOHNN, 1991). Acadêmicos indígenas, saindo do campo da antropologia e sociologia, também têm explorado histórias mais positivas de autonomia e resistência dos nativos (LOMAWAIMA; MCCARTY, 2006). Outros historiadores examinaram como a educação americana funcionou no desenvolvimento e na resistência da produção ideológica da raça, tanto nos gabinetes políticos como nas salas de aula (BURKHOLDER, 2010; BURKHOLDER, 2011).

Estudos históricos recentes a respeito das mulheres na educação também têm enfatizado a ação e resistência às normas e estruturas de gênero (WEILER, 2006). Ao passo que estudos anteriores enfatizaram a exclusão inicial e limitaram a entrada das mulheres nas instituições educativas nas últimas três décadas, historiadores adotaram a teoria

feminista para analisar formas nas quais homens e mulheres encenaram comportamentos de gênero e interdições para o trabalho no campo da educação. O estudo monumental de Jackie Blount sobre mulheres na administração escolar, por exemplo, usou uma extensiva base de dados para argumentar que, ao contrário de entendimento prévio, as mulheres mantiveram a maioria das posições administrativas locais nas décadas finais do século XIX e nas décadas iniciais do XX, quando tais posições eram eleitas e baseadas localmente. Somente quando a administração escolar se tornou profissionalizada, dentro de um ‘modelo de negócios’ com salários mais altos, status e menor ligação com alunos e professores, é que o campo se masculinizou (BLOUNT, 1998; BLOUNT, 1996). Margaret Nash demonstra, então, como a República Americana, inicialmente, não era um deserto para a educação feminina como previamente pensado, mas um período bastante grande de defesa e avanço para a educação da mulher branca, o que teve um papel crucial na formação da nova classe média americana (NASH, 2005). Linda Eisenmann faz uma observação semelhante sobre o que ela chamou de ‘ativismo de adaptação’, no que se refere à educação superior feminina no pós-Segunda Guerra Mundial, um período geralmente visto como de refúgio das mulheres ao espaço doméstico (EISENMANN, 2006). Outros estudos sobre mulheres professoras exploraram a cultura de trabalho e dinâmica da vida e experiência das professoras nas salas de aula do passado, enfatizando a voz das mulheres, sua resistência e autonomia, mesmo em estruturas burocráticas cada vez mais prescritivas (ROUSMANIERE, 1997a; TEED, 2004). A história da educação das mulheres ampliou-se, ainda mais, com novos entendimentos a respeito da contribuição feminina para a teoria educacional progressista, liderança escolar, ativismo docente e administração educacional (ROUSMANIERE, 2005; SADOVNIK; SEMEL, 2002).

Diante da inclinação dos historiadores da educação americanos pelo pragmatismo, uma quantidade significativa das pesquisas recentes tem se debruçado sobre a análise histórica das reformas escolares contemporâneas, particularmente as baseadas no mercado e na crescente interseção do público com o privado na política educacional a partir da década de 1980. Esses trabalhos incluem as origens dos programas de ‘fretamentos’, de matrículas abertas e dos vouchers escolares com financiamento público. Uma linha de pesquisa similar trata da relação entre mercado de trabalho e educação ou, como Nancy Beadie argumentou, o significado da escolarização para a formação do capital

humano e o desenvolvimento econômico do Estado, bem como a mobilidade social dos indivíduos (BEADIE, 2008). Os historiadores também têm examinado a ligação entre o desenvolvimento do livre comércio americano e o papel do credenciamento e da profissionalização acadêmicos, bem como a relação entre a promoção e o protecionismo dos interesses econômicos no desenvolvimento da educação americana (FISCHEL, 2009; HOGAN, 1996; LABAREE, 1988; TOLLEY; BEADIE, 2006).

Praticamente todos os grandes desafios da instrução contemporânea vêm sendo examinados historicamente, incluindo o desenvolvimento de escolas religiosas independentes, escolas alternativas, educação doméstica e escolas de interesse especial (GAITNER 2008; LAATS, 2010, SEMEL; SADOVNICK, 2008; SPAN 2002). A história da educação especial, desde a sua autorização legal pelo governo federal em meados da década de 1970 e seu subsequente crescimento exponencial na instrução americana, tem se transformado em um tópico de interesse emergente, assim como a área de especialidade acadêmica voltada para os estudos sobre deficiência (OSGOOD, 2008; OSGOOD, 1999; THOSE... 2013).¹⁰ Assim, historiadores começaram a estudar o desenvolvimento de uma educação bilíngue, a burocratização das políticas de disciplina escolar, a luta sobre os direitos escolares dos homossexuais, a história de mercantilização e tecnologias educacionais e as dinâmicas raciais e de classe na educação dos subúrbios em expansão na América moderna (DOUGHERTY, 2012; GRAVES, 2013; KAFKA, 2009; PETRINA, 2002; RAMSEY, 2009).

Nos anos recentes, os historiadores da educação americanos se voltaram para a elaboração de biografias críticas de líderes americanos do século XX como uma forma de melhor compreender o desenvolvimento dos sistemas americanos contemporâneos. Distanciando-se de hagiografias anteriores dos ‘grandes homens’ da história educacional, as novas biografias se encontram inscritas nos quadros de uma história social e política, levando os leitores a explorarem as maneiras pelas quais os indivíduos estavam localizados e a contribuição dos mesmos na ampliação do desenvolvimento histórico-educacional. Por exemplo, a biografia de John Spencer sobre Marcus Foster, um diretor escolar afro-americano na Filadélfia da década de

¹⁰ versão preliminar do artigo que se encontra publicado em Simões e Gondra (2012).

1960, oferece uma perspectiva única acerca das lutas sobre igualdade racial e econômica nos Estados Unidos em uma década particularmente controversa (SPENCER, 2012). Outros estudos biográficos recentes de educadores americanos examinaram o papel do indivíduo em movimentos maiores em favor da igualdade racial e de gênero, progressivismo educacional e mudança, oferecendo uma visão chave sobre as lideranças e lutas comunitárias (RANDOLPH; SANDERS, 2011; ROUSMANIERE, 2001; STACK, 2004; URBAN, 1992).

Outros caminhos recentes de pesquisa têm abordado o contexto histórico e os fundamentos da gestão educacional, as estruturas e práticas governamentais no desenvolvimento da educação, a história do envolvimento privado na educação, a política de subvenção e o papel da educação americana em empreendimentos culturais internacionais e transnacionais (BU, 2003; GAMSON, 2003; LAGEMANN, 1989; MACDONALD; HOFFMAN, 2012). Após anos de estudo da história e historiografia do progressivismo e das influências esquerdistas na educação, alguns historiadores passaram a estudar os grupos conservadores ou libertários para ver como influenciaram na modelagem do caráter da educação americana (ERICKSON, 2006; GAITHER, 2012; LAATS, 2012). Se existe um tema comum a esses trabalhos recentes, ele consiste no fato de que os historiadores da educação americanos se movimentaram, além da larga escala das macro-histórias e das micro-histórias, para estudar os mecanismos e as dinâmicas por trás da cena do desenvolvimento educacional, articulados às práticas econômicas, aos indivíduos e às agências privadas e governamentais.

Considerações Finais

Em 2013, os historiadores da educação americana podem se considerar afortunados por terem uma fundamentação sólida da narrativa geral e das principais dinâmicas da história do sistema educacional da nação, articuladas em um conjunto substantivo e muito popular de livros didáticos de história, com importantes volumes (URBAN; WAGGONER, 2008). Nos últimos trinta anos, a agenda histórica se voltou para estudos mais analíticos de dinâmicas particulares, comunidades e lutas e, ao fazer isso, o campo se diversificou e se expandiu significativamente, movendo-se para além do foco sobre a instrução para prestar atenção à cultura. Além da dependência aos documentos das políticas públicas, deslocaram-se em direção a

metodologias inovadoras da história social e, além de uma ‘narrativa do consenso’ a respeito da conquista do desenvolvimento, promoveram análises mais complexas das dinâmicas do poder tanto no nível do Estado como nos planos locais. Trata-se de inovações teóricas e metodológicas que proporcionaram novos caminhos para os historiadores examinarem lugares e questões específicas em que a ênfase nas fontes sócio-históricas diversificou grandemente os tópicos de estudo. Os historiadores americanos da educação ainda mantêm um olho no presente, sempre atentos aos desafios da educação contemporânea, esperançosos de que suas análises mais amplas e contextualizadas possam melhor informar a respeito da prática educativa atual.

Referências

ABOWITZ, K. K.; ROUSMANIERE, K. Margaret Haley as diva: a case study of a feminist citizen-leader. In: CARLSON, D.; GAUSE, C.P. (Ed.). *Keeping the promise: essays on leadership, democracy, and education*. New York: Peter Lang, 2007. p. 233-255.

_____. Margaret Haley as diva: a case study of a feminist citizen-leader. In: QUANTZ, R.; PARASKEVA, J. (Ed.). *A liderança baseada na cultura: ensaios sobre liderança, cultura e escolarização*. Mangualde: Edições Pedago, 2012. p. 173-197.

ADAMS, D. *Education for extinction: American Indians and the boarding school experience*. Lawrence, KS: University of Kansas Press, 1997.

ALTENBAUGH, R. Oral history, American teachers and a social history of schooling: an emerging agenda. *Cambridge Journal of Education*, Cambridge, UK, v. 27, iss. 3, p. 313-330, 1997. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/0305764970270302#.U_Ea_gMVdWug>. Acesso em: 15 ago. 2014.

ANDERSON, J. D. (Ed.). A Special Issue on the Fiftieth Anniversary of the "Brown v. Board of Education" Decision. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 44, n. 1, Mar. 2004. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hoeq.2004.44.issue-1/issuetoc>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. *The Education of blacks in the South, 1860-1935*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1988.

BAILYN, B. *Education in the forming of American society: needs and opportunities for study*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1960.

BAKER, R. S. *Paradoxes of desegregation: African American struggles for educational equity in Charleston, SC, 1926–1972*. Columbia: University of South Carolina Press, 2006.

BEADIE, N. Education and the creation of capital: or, what I have learned from following the money. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 48, n. 1, p. 1-29, Feb. 2008. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hoeq.2008.48.issue-1/issuetoc>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

BLOUNT, J. M. *Fit to teach: same-sex desire, gender, and schoolwork in the twentieth century*. Albany: SUNY Press, 2006.

_____. *Destined to rule the schools: women and the superintendency, 1873-1995*. Albany: SUNY Press, 1998.

_____. Manly men and womanly women: deviance, gender role polarization, and the shift in women's school employment, 1900–1976. *Harvard Educational Review*, Cambridge, MA, v. 66, n. 2, p. 318-339, spring 1996. Disponível em: <<http://her.hepg.org/content/q24710621vp7k518/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

BOWLES, S.; GINTIS, H. *Schooling in capitalist America: educational reform and the contradictions of economic life*. New York: Basic Books, 1976.

BU, L. *Making the world like us: education, cultural expansion, and the American century*. Westport: Praeger, 2003.

BURKHOLDER, Z. *Color in the classroom: how American schools taught race, 1900–1954*. New York: Oxford University Press, 2011.

_____. From “wops and dagoes and hunkies” to “Caucasian”: changing racial discourse in American classrooms during World War II.

History of Education Quarterly, Malden, v. 50, n. 3, p. 324-358, Aug. 2010. Disponível em: <
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2010.00274.x/abstract>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

BUTCHART, R. E. "Outthinking and outflanking the owners of the world": a historiography of the African American struggle for education. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 28, n. 3, p. 333-336, Autumn 1988. Disponível em: <
<http://www.jstor.org/discover/10.2307/369087?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104063202901>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. What's Foucault got to do with it?: history, theory, and becoming subjected. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 51, n. 2, p. 239-246, May 2011. Disponível em: <
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2011.00333.x/abstract>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. *Schooling the freed people teaching, learning, and the struggle for black freedom, 1861-1876*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2010.

CALLEJO-PEREZ, D. M. *Southern hospitality: identity, schools, and the civil rights movement in Mississippi, 1964-1972*. New York: Peter Lang Publishers, 2001.

CAYTON, M. K; GORN, E. J.; WILLIAMS, P. W. (Ed.). *Encyclopedia of American Social History*. New York: Scribner, 1993.

CECELSKI, D. C. *Along freedom road: Hyde County, North Carolina, and the fate of black schools in the South*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1994.

CHAPPELL, D.; CHAPPELL, S.; MARGOLIS, E. School as ceremony and ritual: photography illuminates moments of ideological transfer. *Qualitative Inquiry*, Thousand Oaks, v. 17, n. 1, p. 56-73, 2011. Disponível em:
<http://www.academia.edu/3710007/_School_as_Ceremony_and_Ritual_Photos_Illuminates_Moments_of_Ideological_Transfer_with_Drew_Chappell_and_Sharon_Chappell_Qualitative_Inquiry_17_1_2011_p_56-73>. Acesso em: 15 ago. 2014.

COHEN, R. M.; SCHEER, S. *The work of teachers in America: a social history through stories*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1997.

COHEN, S. *Challenging orthodoxies: toward a new cultural history of education*. New York: Peter Lang, 1999.

CREMIN, L. A. *Traditions of American education*. New York: Basic Books, 1977.

CUBBERLY, E. P. *Public education in the United States: a study and interpretation of American educational history*. Boston: Houghton Mifflin, 1919.

CUTLER, W. W. Cathedral of culture: the schoolhouse in American educational thought and practice since 1820. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 29, n. 1, p. 1-40, 1989. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/368604?uid=3737664&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21104063280481>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

DOUGHERTY, J. From anecdote to analysis: oral interviews and new scholarship in educational history. *Journal of American History*, Bloomington, MI, v. 86, n. 2, p. 712-723, 1999. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2567055?uid=3737664&uid=2134&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21104063280481>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Shopping for schools: how public education and private housing shaped suburban Connecticut. *Journal of Urban History*, Thousand Oaks, v. 38, n. 2, p. 205-224, 2012. Disponível em:

<<http://juh.sagepub.com/content/38/2/205.full.pdf+html>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

EICK, C. Oral histories of education and the relevance of theory: claiming new spaces in a post revisionist era. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 51 N. 2, p. 158-183, May 2011. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2011.00328.x/abstract>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

EISENMANN, L. *Higher education for women in postwar America, 1945-1965*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2006.

ERICKSON, C. K. "We want no teachers who say there are two sides to every question": conservative women and education in the 1930s.

History of Education Quarterly, Malden, v. 46, n. 4, p. 487-502, Dec.

2006. Disponível em:

<[http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2006.00029.x/pdf)

[5959.2006.00029.x/pdf](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2006.00029.x/pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2014.

FAIRCLOUGH, A. *A Class of their own: black teachers in the segregated South*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press, 2007.

FISCHEL, W. A. W. *Making the grade: the economic evolution of American school districts*. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

GAITHER, M. *American educational history revisited: a critique of progress* New York: Teachers College Press, 2003.

_____. *Homeschool: an American history*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

_____. The revisionists revived: the libertarian historiography of education. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 52, n. 4, p. 488-505, Nov. 2012.

GAMSON, D. District progressivism: rethinking reform in urban school systems, 1900–1928. *Paedagogica Historica*, London, v. 39, iss. 4, p.417-434, 2003. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00309230307479#U_Dq2-NdWug>. Acesso em: 15 ago. 2014.

GARCIA, D. G.; YOSSO, T. J. Strictly in the capacity of servant: the interconnection between residential and school segregation in Oxnard, California, 1934–1954. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 53, n. 1, p. 64-89, Fev. 2013. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hoeq.12003/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

GERE, A. R. Indian heart/white man's head: native-American teachers in Indian schools, 1880–1930. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 45, n. 1, p. 38-65, Mar. 2005. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2005.tb00026.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

GRAVES, K. L. 'So, you think you have a history?': taking a Q from lesbian and gay studies in writing education history. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 52, n. 4, p. 465-487, Nov. 2012. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2012.00416.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. *And they were wonderful teachers: Florida's purge of gay and lesbian teachers*. Urbana: University of Illinois Press, 2009.

_____. Presidential address: political pawns in an educational endgame: reflections on Bryant, Briggs, and some twentieth century school questions. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 53, n. 1, p. 1- 20, Feb. 2013. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hoeq.12000/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

GROSVENOR, I. G.; LAWN, M.; ROUSMANIERE, K, (Ed.). *Silences and images: the social history of the classroom*. New York: Peter Lang Publishers, 1999.

HALE, J. N. The struggle begins early: head start and the Mississippi freedom movement. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 52, iss. 4, p. 506-534, Nov. 2012. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2012.00418.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

HOGAN, D. To better our condition: educational credentialing and "The silent compulsion of economic relations" in the United States, 1830 to the Present, *History of Education Quarterly*, Malden, v. 36, n. 3, p. 243-270, Aug. 1996. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/369388?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104063211040>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

JOHANEK, M. C.; PUCKETT, J. L. *Leonard Covello and the making of Benjamin Franklin High School: education as if citizenship mattered*. Philadelphia: Temple University Press, 2007.

JOHNSON, L. Making her community a better place to live: lessons from history for culturally responsive urban school leadership. In: CARLSON, D.; GAUSE, C.P. (Ed.). *Keeping the promise: essays on*

leadership, democracy, and education. New York: Peter Lang, 2007. p. 269-286.

JOSEPH, P. B.; BURNAFORD, G. E. *Images of schoolteachers in twentieth-century America: paragons, polarities, complexities*. New York: St. Martin's Press, 1994.

KAFKA, J. Shifting authority: teachers' role in the bureaucratization of school discipline in postwar Los Angeles. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 49, n. 3, p. 323-346, Aug. 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2009.00211.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

KATZ, M. *The irony of early school reform: educational innovation in mid-nineteenth century Massachusetts*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1968.

KLIEBARD, H. *The struggle for the American curriculum, 1893-1958*. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1986.

KOZOL, J. *Death at an early age: the destruction of the hearts and minds of negro children in the Boston public schools*. New York: New American Library, 1967.

LAATS, A. Forging a fundamentalist 'One Best System': struggles over curriculum and educational philosophy for Christian Day schools, 1970-1989. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 50, n. 1, p. 55-83, Jan. 2010. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2009.00245.x/abstract>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Red schoolhouse, burning cross: the Ku Klux Klan of the 1920s and educational reform. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 52, n. 3, p. 323-350, Aug. 2012. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2012.00402.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

LABAREE, D. F. *Education, markets, and the public good: selected works of David F. Labaree*. London: Routledge, 2007.

_____. *The making of an American high school: the credentials market and the central High School of Philadelphia, 1838-1939*. New Haven: Yale University, 1988.

LADSON-BILLINGS, G. Landing on the wrong note: the price we paid for Brown. *Educational Researcher*, Thousand Oaks, v. 33, n. 7, p. 3-13 Oct. 2004. Disponível em: <
<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3700092?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104063424221>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

LAGEMANN, E. C. Does History Matter in Educational Research? A brief for the humanities in an age of science. *Harvard Educational Review*, Cambridge, MA, v. 75, n. 1, p. 9-24, 2005. Disponível em: <
<https://hepg.metapress.com/content/a12457th28m57110/resource-secured/?target=fulltext.pdf&sid=sjd024cp3uj1rsautywzya3&sh=her.hepg.or>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Experimenting with education: John Dewey and Ella Flagg Young. *American Journal of Education*, Chicago, v. 104, n. 3, p. 171-185, May 1996. Disponível em: <
<http://www.jstor.org/discover/10.2307/1085640?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104063424221>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. *The politics of knowledge: the Carnegie Corporation, philanthropy, and public policy*. Middletown, CT: Wesleyan University Press, 1989.

LOMAWAIMA, K. T.; MCCARTY, T. L. *To remain an Indian: lessons in democracy from a century of native American education*. New York: Teachers College Press, 2006.

LUTRELL, W. The teachers, they all had their pets: concepts of gender, knowledge, and power. *Signs*, Newbrunswick, NJ, v. 18, n. 3, p. 505-546, spring, 1993. Disponível em: <
<http://www.jstor.org/discover/10.2307/3174856?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104063424221>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

MACDONALD, V.; HOFFMAN, B. P. “Compromising la causa?”: the Ford Foundation and Chicano Intellectual Nationalism in the creation of Chicano history, 1963–1977. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 52, n. 2, p. 251-281, May 2012. Disponível em: <

<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2011.00390.x/abstract> >. Acesso em: 15 ago. 2014.

MARGOLIS, E. Class pictures: representations of race, gender, and ability in a century of school photography. *Educational Policy Analysis Archive*, Tempe, v. 8, n. 31, p. 330-347, 2000.

_____. *Looking at discipline, looking at labour: photographic representations of Indian boarding schools. Visual Studies*, London, v. 19, iss. 1, p. 72-96, 2004.

MONROE, P. *Founding of the American public school system: a history of education in the United States from the early settlements to the close of the civil war period*. New York: Macmillan, 1940.

MORRIS, V. G.; MORRIS, C. L. *The price they paid: desegregation in an African American community*. New York: Teachers College Press, 2002.

NASH, M. A. *Women's education in the United States, 1780-1840*. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

OSGOOD, R. L. Becoming a special educator: specialized professional training for teachers of children with disabilities in Boston, 1870-1930. *Teachers College Record*, New York, v. 101, n. 1, p. 82-105, fall 1999. Disponível em: <<http://www.tcrecord.org/Content.asp?ContentId=10426>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. *The history of special education: a struggle for equality in American public schools*. Westport, CT: Greenwood-Praeger Press, 2008.

PEREZ, M. R. Chicos, chucos, and chamacos: perspectives in chicana/o educational history. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 49, n. 1, p. 112-119, Feb. 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2009.01170.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

PERLSTEIN, D. Community and democracy in American schools: Arthurdale and the fate of progressive education. *Teachers College Record*, New York, v. 97, n. 4, p. 625-650, 1996. Disponível em:

<<http://www.tcrecord.org/content.asp?contentid=1422>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Imagined authority: blackboard jungle and the project of educational liberalism. *Paedagogica Historica*, London, v. 36, iss. 1, p. 407-424, 2000. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/0030923000360119#U_EEJ-NdWug>. Acesso em: 15 ago. 2014.

PERRILLO, J. Beyond progressive reform: bodies, discipline, and the construction of the professional teacher in interwar America. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 44, iss. 3, p. 337-363, Sep. 2004. Disponível em: < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2004.tb00013.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. *Uncivil rights: teachers, unions, and race in the battle for school equity*. Chicago, Ill: University of Chicago Press, 2012.

PETRINA, S. Getting a purchase on ‘the school of tomorrow’ and its constituent commodities: histories and historiographies of technologies. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 42, n. 1, p. 75-111, Mar. 2002. Disponível em: < <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2002.tb00101.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

POPKEWITZ, T. *Cosmopolitanism and the age of school reform: science, education and making society by making the child*. New York: Routledge, 2007.

POPKEWITZ, T. S.; FRANKLIN, B. M.; PEREYRA, M. A. (Ed.). *Cultural history and education: critical essays on knowledge and schooling*. New York: Routledge Falmer, 2001.

QUANTZ, R. *Interpretive method in historical research: ethnohistory reconsidered*. In: ALTENBAUGH, R. (Ed.). *The teacher’s voice: a social history of teaching*. London: The Falmer Press, 1992. p. 190.

RAMSEY, P. J. In the Region of Babel: public bilingual schooling in the Midwest, 1840s–1880s. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 49 n. 3, p. 267-290, Aug. 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2009.00209.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

RANDOLPH, A. W. The memories of an all-black northern urban school: good memories of leadership, teachers, and the curriculum. *Urban Education*, Thousand Oaks, v. 39, n. 6, p. 596-620, Nov. 2004. Disponível em: <<http://uex.sagepub.com/content/39/6/596.full.pdf+html>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

RANDOLPH, A. W.; SANDERS, S. In search of excellence in education: the political, academic, and curricular leadership of Ethel T. Overby. *Journal of School Leadership*, Lanham, MD, v. 21, p. 521-547, Jul. 2011. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/?id=EJ986167>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

ROUSMANIERE, K. *City teachers: teaching and school reform in historical perspective*. New York: Teachers College Press, 1997a.

_____. *The principal's office: a social history of the American school*. Albany: SUNY Press, 2013.

_____. *Citizen teacher: the life and leadership of Margaret Haley*. New York: SUNY, 2005.

_____. *Historical research, in perspectives and approaches for research in education and the social sciences*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2003.

_____. White silence: a racial biography of Margaret Haley. *Equity & Excellence in Education*, Amherst, v. 34, n. 2, p. 7-15, Sep. 2001. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/1066568010340202#.U_EJB-NdWug>. Acesso em: 15 ago. 2014.

ROUSMANIERE, K.; DEHLI, K.; CONINCK-SMITH, N. (Ed.). *Discipline, moral regulation and schooling: a social history*. New York: Garland Press, 1997b.

RURY, J. The curious status of the history of education: a parallel perspective. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 46, n. 4, p. 571-598, winter 2006. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/20462103?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104063571451>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

RYAN, P. A.; TERZIAN, S. G. T. Our miss brooks: broadcasting domestic ideals for the female teacher in the postwar United States. *National Women's Studies Association Journal*, Baltimore, v. 21, n. 1, p. 76-100, 2009. Disponível em: <
<http://muse.jhu.edu/journals/nwsa/summary/v021/21.1.ryan.html>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

RYAN, P. A.; TOWNSEND, J. S. Representations of teachers' and students' inquiry in 1950s television and film. *Educational Studies*, London, v. 46, iss. 1, p. 44-66, 2010. Disponível em: <
http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/00131940903480258#.U_EJ9eNdWug>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SADOVNIK, A. R.; SEMEL, S. F. *Founding mothers and others: women educational leaders during the progressive era*. New York: Palgrave, 2002.

_____. The contemporary small-school movement: lessons from the history of progressive education, *Teachers College Record*, New York, v. 110, n. 9, 1774-1771, 2008. Disponível em:
<<http://www.tcrecord.org/Content.asp?contentid=15166>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SIMÕES, R. H.; GONDRA, J.G. e (Ed.). *Invenções, tradições e escritas da história da educação*. Vitória, ES: Sociedade Brasileira de História da Educação; Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

SOBE, N. W. Researching emotion and affect in the history of education. *History of Education*, Abington, UK, v. 41, iss. 5, p. 689-695, 2012.

_____. Rethinking 'cosmopolitanism' as an analytic for the comparative study of globalization and education. *Current Issues in Comparative Education*, New York, v. 12, iss. 1 p. 6-13, fall 2009. Disponível em:
<<http://eric.ed.gov/?id=EJ879764>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SPAN, C. Black Milwaukee's challenge to the cycle of urban miseducation: Milwaukee's African American immersion schools. *Urban Education*, Thousand Oaks, v. 37, n. 5, p. 610-630, Nov. 2002. Disponível em: <

<http://uex.sagepub.com/content/37/5/610.full.pdf+html>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. *From cotton field to schoolhouse: African American education in Mississippi, 1862-1875*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2009.

SPENCER, J. P. *In the crossfire: Marcus Foster and the troubled history of American school reform*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2012.

STACK, S. F. *Elsie Ridley Clapp, 1879-1965: her life and the community school*. New York: Peter Lang, 2004.

STRAUS, E. E. Unequal pieces of a shrinking pie: the struggle between African Americans and Latinos over education, employment, and empowerment in Compton, California. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 49, n. 4, p. 507-529, Nov. 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2009.00227.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

TAMURA, E. H. Asian Americans in the history of education: an historiographical essay. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 41, n. 1, p. 58-71, Mar. 2001. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2001.tb00074.x/pdf>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. The struggle for core studies: Miles Cary at McKinley High School in the territory of Hawai'i. *Pacific Educational Research Journal*, Honolulu, v. 8, p. 19- 38, 1996. Disponível em: <<http://files.eric.ed.gov/fulltext/ED436539.pdf#page=25>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Theory in Educational History. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 51, iss. 2, p. 145-147, May 2011a.

TAMURA, E. H.; EICK, C.; COLOMA, R. S. Theory in Educational History. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 51, iss. 2, p. 148-149, May 2011b.

TEED, M. L. T. 'If only I wore a coat and pants': gender and power in the making of an American public high school, 1847-1851. *Gender and*

History, Malden, v. 16, iss, 1, p. 123-145, Apr. 2004. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2001.tb00074.x/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

THELIN, J. R. *A History of American Higher Education*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2011.

THOSE who Can't, teach: the disabling history of American educators. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 53, n. 1, p. 90-103, Feb. 2013. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/hoeq.12004/pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

TOLLEY, K.; BEADIE, N. Socioeconomic incentives to teach in New York and North Carolina: toward a more complex model of teacher labor markets, 1800-1850. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 46, n. 1, p. 36-72, Feb. 2006. Disponível em: <<http://www.jstor.org/discover/10.2307/20462030?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104063663071>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

TROEHLER, D.; POPKEWITZ, T.; LABAREE, D. (Ed.). *Schooling and the making of citizens in the long nineteenth century: comparative visions*. New York: Routledge, 2011.

TYACK, D. *The one best system: a history of American urban education*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1974.

TYACK, D.; CUBAN, L. *Tinkering toward utopia: a century of public school reform*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

URBAN, W. J. (Ed.) *Leaders in the history of American Education: autobiographical essays*. Rotterdam: Sense Publishers, 2010a.

_____. *Black scholar: Horace Mann Bond, 1904-1972*. Athens, GA: University of Georgia Press, 1992.

_____. The word from a walrus: five decades of the history of education society. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 50, n. 4, p. 429-459, Nov. 2010b. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1748-5959.2010.00289.x/abstract>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

URBAN, W. J.; WAGGONER, J. L. *American education: a history*. 4. ed. New York: McGraw Hill, 2008.

WALKER, V. S. Organized resistance and black educators' quest for school equality. *Teachers College Record*, New York, v. 107, n. 3, p. 355-388, Mar. 2005. Disponível em: < <http://eric.ed.gov/?id=EJ687726>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Their highest potential: an African American school community in the segregated South. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.

WECHSLER, H. S.; GOODCHILD L. F.; EISENMANN, L. (Ed.). The History of higher education reader. Upper Saddle River: Pearson Learning, 2008.

WEIDER, A. *Race and education: narrative essays, oral histories, and documentary photography*. New York: Peter Lang, 1997.

WEILER, K. *Country schoolwomen: teaching in rural California, 1850-1950*. Redwood City, CA: Stanford University Press, 1998. p. 6.

_____. The historiography of gender and progressive education in the United States. *Paedagogica Historica*, Abington, UK, v. 42, p. 161-162, Feb. 2006. Disponível em: < <http://eric.ed.gov/?id=EJ748877>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

WELTER, R. *Popular education and democratic thought in America*. New York: Columbia University Press, 1962.

WILLIAMS, H. *Self-taught: African American education in slavery and freedom*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005.

WONG, K.; ROTHMAN, R. (Ed.). *Clio at the table: using history to inform and improve education policy*. New York: Peter Lang, 2009.

WOODY, T. *A history of women's education in the United States*. New York: The Science Press, 1929. 2 vols.

WOYSHMER, C. *The national PTA, race, and civic engagement, 1897-1970*. Columbus: The Ohio State University Press, 2009.

YOHN, S. M. An Education in the validity of pluralism: the meeting between Presbyterian mission teachers and Hispanic Catholics in New Mexico, 1870-1912. *History of Education Quarterly*, Malden, v. 31, n. 3, p. 343-364, Aug. 1991. Disponível em: <
<http://www.jstor.org/discover/10.2307/368372?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21104063682931>> . Acesso em: 15 ago. 2014.

ZINN, H. *A people's history of the United States: 1492- present*. New York, NY: Harper and Row, 1980.

Endereço para correspondência:

E-mail: rousmak@muohio.edu

Phone: +1 (513) 529-6843

Miami University. Oxford, Ohio 45056 – USA

Tradutores:

José G. Gondra:

Doutor em Educação. Professor Associado da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação da UERJ. Pesquisador do CNPq e da FAPERJ. Rua Olegário Mariano, 276. CEP: 20510-210 - Tijuca - Rio de Janeiro - RJ

E-mail: gondra.uerj@gmail.com

Tel.: (21) 22387760 / 980621943

Marina Natsume Uekane.

Doutoranda em Educação pela UFF. Integrante do Grupo de Pesquisa História Social da Educação. Professora da educação infantil da Prefeitura Municipal de Duque de Caxias. Bolsista CAPES.

Rua do Catete, 338, apto. 1206 - Catete. CEP: 22220-001 - Rio de Janeiro/RJ.

E-mail: marina.uekane@gmail.com

Tel.: (21) 2576-4445

Submetido em: 04/09/13

Aprovado em: 27/07/14

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.